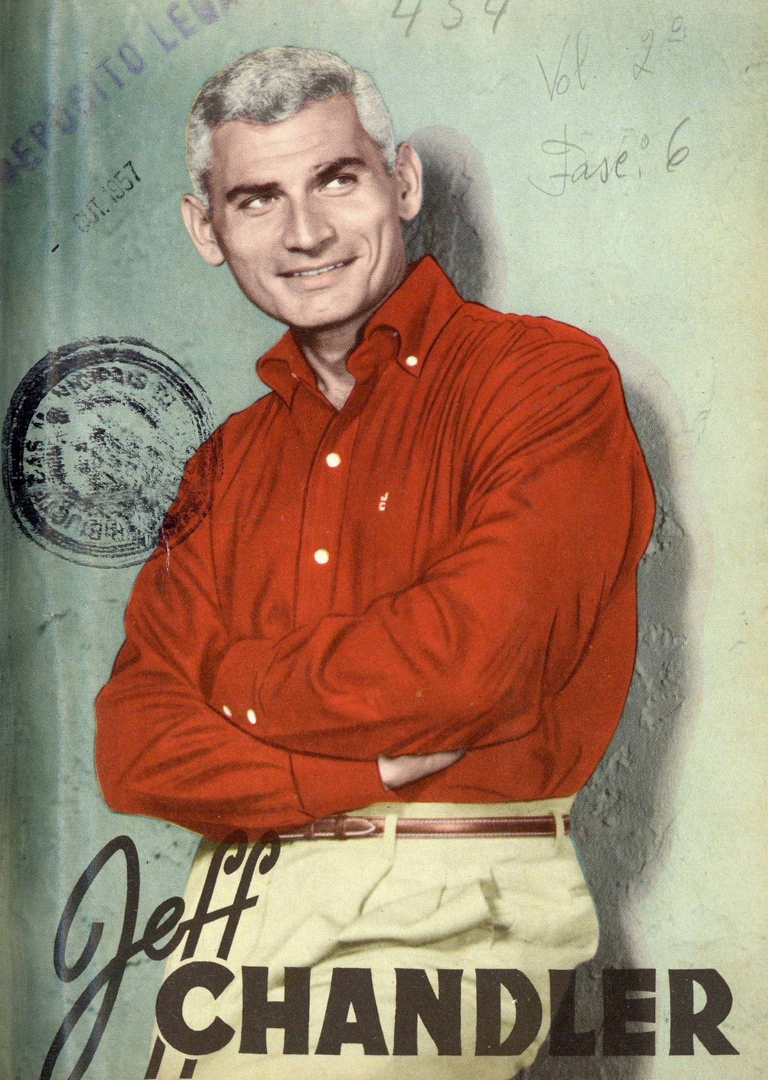
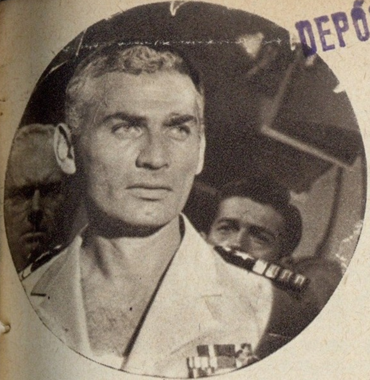

Jeff
CHANDLER

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA E IMPRESSÃO OFFSET DA FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.
RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958



JEFF CHANDLER

O RAPAZ TÍMIDO A QUEM A VERDADEIRA FELICIDADE AINDA NÃO SORRIU

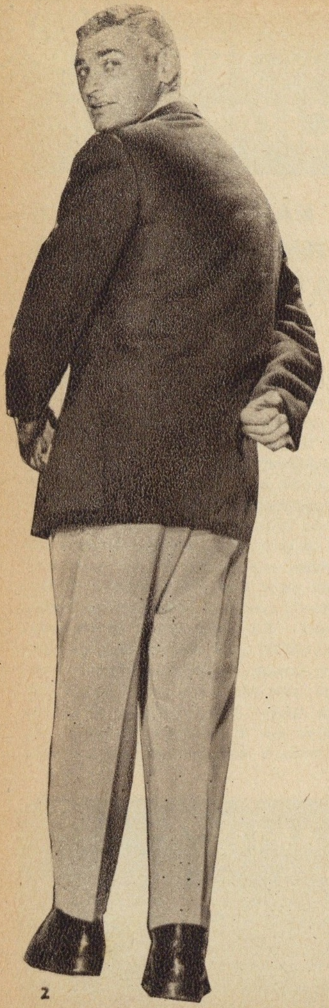
UM rapazito taciturno, alto, delgado, precocemente desenvolvido e um tanto desengonçado, ia e vinha à Escola Comunal de Brooklynn, sem faltar um só dia. Gostava de estudar, de aprender. Gostava também de andar só, porque conviver era-lhe difícil por causa da sua excessiva timidez. Ninguém suporia isso ao vê-lo tão crescido, com aspecto já de homenzinho, de cara angulosa e feições bastante duras. Mas a verdade era que sofria, senão de um complexo de inferioridade, de algo muito parecido, em consequência da sua vida familiar, que nada tinha de alegre e descuidosa.

Philip e Anna Grossel, seus pais, tinham-se divorciado quando o filho tinha apenas três anos. Uma idade em que as emoções se gravam no coração e na memória, deixando o cunho indelevel da felicidade ou da tristeza.

O menino não era feliz. Vivia com a mãe, os avós, um tio e uma tia, e todos se ocupavam bem pouco dele. A mãe tinha uma leitaria, onde gastava o tempo e a paciência discutindo com os fregueses. Ao voltar a casa, fatigada e sem alegria de viver, no que menos pensava era no filho, que passava muitas horas correndo pelas ruas, observando a «vida», sonhando aventuras de que ele era sempre o herói. Era imaginativo, concentrado, introvertido. Uma ardente sede de carinhos, jamais conhecidos, tornava-o rebelde, pois não compreendia porque não podia gostar, como qualquer outro, dos rapazes que o rodeavam. Vendo-os tão contentes e ruidosos, sem que lhe fosse

ÁLBUM DOS ARTISTAS
(2.º Volume — Fasc. 6.º)

Edição de Aguiar & Dias, Ltd.ª — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones 668639/668684 — LISBOA (Portugal). Composto e impresso nas Oficinas Gráficas de BERTRAND (Irmãos), Ltd.ª, Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa.



possível exteriorizar o próprio contentamento, acentuava-se-lhe a sua atitude altiva para assim impedir que algum tentasse penetrar no deserto que era a sua vida. O resultado foi que o ignoraram e ele tornou-se um solitário. Ninguém se arriscava a discutir com ele por temerem os seus punhos fortes, mas aproveitavam todas as ocasiões para se vingarem, fazendo-lhe partidas e graças pesadas, mas em conjunto, para que ninguém fosse pessoalmente responsável. E o taciturno rapaz mais se fechava em si, na sua hipotética superioridade, com o seu enorme e inofensivo corpanzil de atleta.

Ele mesmo nos conta agora, que está convertido no popular actor Jeff Chandler, como uma das suas mais amargas recordações de infância:

— Contudo, não compreendo bem. Porque me temiam se nunca discuti com nenhum?

Pensando melhor, parece achar uma resposta, de certo modo aceitável, ao reconhecer que também ele, sem nenhuma razão que o justificasse, temia os outros garotos da sua idade; e conta o seguinte episódio:

— Vivia com a minha família num modesto bairro de Brooklynn. Em frente da nossa casa vivia um casal com cinco filhos todos rapazes, os quais para mim tinham todos aspecto agressivo e provocante. Eu, na realidade, procurava evitá-los, e cada vez que tinha que atravessar a rua via sempre se conseguia não encontrar nenhum deles ao passar-lhes diante da porta, mas um dia ia distraído, esqueci-me de tal precaução, e quando dei por mim estava à frente do mais «duro» dos cinco irmãos. Fazendo das tripas coração dissimulei o temor que se apoderou de mim o melhor que pude, mas qual não foi a minha surpresa ao ver que foi ele que se apressou a evitar-me... O insólito do caso fez com que eu perguntasse pela vizinhança e asseguraram-me que assim como eu temia os meus vizinhos, assim eles me temiam a mim.

— Com essa cara e esse corpo, na verdade, não inspiras confiança — disseram-me uma vez, aclaradas as situações. E devo dizer que a partir daquele dia fomos todos excelentes amigos.

★

Ira Grossel procurava ganhar simpatias à força de triunfar nos estudos, já que de outro modo isso se lhe tornava impossível. A sua vida familiar, falha de ternura, fazia-o manter-se frio e reservado até ao mais íntimo do seu ser.

«Se me distinguir pela minha aplicação, acabarão por gostar de mim», repetia nos intermináveis colóquios que mantinha com ele mesmo, cada vez que se sentia ferido pela incompreensão dos outros.

E um dia, o professor chamou-o para recitar. Tratava-se de um trecho do «Hamlet», que Ira conhecia na perfeição.

— Tive sorte — ia pensando enquanto subia ao estrado. — Vou esmerar-me tanto que hão-de aplaudir-me. Ajudarei com o ponteiro, a servir de espada, para que a impressão da realidade seja ainda mais completa.

O medo do ridículo atenazava-lhe a vontade, mas a ânsia de afectos cada vez mais forte, servia-lhe de poderoso estimulante. Antes de começar verificou que toda a classe estava pendente do que ele iria dizer e fazer. Sentiu um arrepio de nervosismo, mesmo assim agradável.

Após uns segundos de espera, enfrentou a situação e começou a declamar, brandindo a fingida espada... A sua voz forte e bem modulada inundou toda a aula. Dizia bem, com um belo timbre e ardentemente; mas a sua dicção não se coadunava com os desairosos movimentos do seu corpo, pobremente vestido, prematuramente desenvolvido, pesado e sem graça...

Alguns dos colegas começaram a rir-se e, como o riso é contagioso, depressa dominou todos os outros. A confusão impedia-o de ouvir. Que estava sucedendo? Acaso não estaria a recitar bem? Calou-se, assustado. Com as faces rubras



Uma «pose» no estúdio, quando Jeff Chandler começou a ganhar notoriedade.

os bancos. Não havia dúvida. A troça era geral! Desolado e incrédulo, voltou a olhar... Havia alguém que não ria! Sentiu um ligeiro alívio. Quem não ria era uma rapariga... Uma futura linda mulher, já dotada de prometedores e infinitos encantos.

Ao cruzarem-se os seus olhares, ela sorriu-lhe, enquanto os outros continuavam a rir e a troçar, e o professor tentava impor a sua autoridade. Ele voltou à sua carteira; já não sentia vergonha. Lavava a alma fortalecida pelo olhar da colega, que o fitara compreensiva; o rosto atento; os músculos tensos; os lábios entreabertos e expressivos.

Era Edyth. Uma garota de olhos verdes, dominadores e altivos, contrastando com a pobreza dos vestidos, dos pés mal calçados e das meias remendadas.

Era miúda, mas firme. Parecia estar muito segura de si. Exactamente o contrário do que se passava com ele. Ira

curavam, mas ela não dava atenção a nenhum. Que nas conversas entre «homens» a chamavam orgulhosa, obstinada, indomável. Que a admiravam, se bem que a distância. Que elogiavam a suavidade da sua pele, o perturbante atractivo dos seus precoces encantos.

Impossível prestar atenção às explicações do mestre. Queria concentrar-se, mas



Christiane Martel, «Miss Universo» em 1954, fez a sua estreia no cinema ao lado de Jeff, no filme «Yankee Pasha». Esta foto foto dos dois foi tirada durante as filmagens, numa rua construída dentro do próprio estúdio.

o pensamento escapava-se-lhe para o lugar ocupado por Edyth, como se aquelas pupilas «dominadoras e altivas» o tivessem prisioneiro...

Apesar do ruidoso fracasso que acabava de sofrer, bendizia a boa ideia que o professor tivera em o chamar, pois, de outro modo, nunca os olhos de mulher o teriam acariciado tão docemente... Que verdes, que luminosos, que expressivos pareciam!

Quando terminaram as classes respirou, aliviado. Não tinha conseguido reter uma única palavra de quanto o professor explicara! Estudaria em casa! Mas a aventura não tinha acabado. Num dos corredores, «ela» esperava-o.

Sem mais preâmbulos, repetiu as suas felicitações com estas palavras:

— Não faças caso. Não compreendem nada! Eu, sim, compreendo-te, porque um dia serei uma grande artista.

Ira não soube que dizer.

Ficou-se a admirá-la, extasiado, reflectindo para consigo quanta falta lhe fazia a decisão de que dava provas a sua pequenina colega.

— Não acreditas. Verdade? — insistia a rapariga ante a surpresa do condiscípulo. — Pois sê-lo-ei, ainda que não acredites.

«Devia dizer-lhe qualquer coisa», pensava Ira. Pensá-lo, bem o pensava, mas



1947 — **No filme «Johnny O'clock», com Dick Powell.**

formava-se-lhe um nó na garganta e não conseguia dizer nada.

Edyth dilatou as suas narinas arrogantes ao propor:

— Queres acompanhar-me a conversarmos?

— Não hei-de querer...

Notou que a sua timidez desaparecia à medida que percebia que era bem acolhido. E, como duvidar da condiscípula que nenhum companheiro conseguira conquistar, quando ela tão expontâneamente o procurara.

A rua parecia-lhe estreita para albergar tanta ventura. Saíram pelo caminho fora, enquanto alguns grupos à porta da escola, comentavam, com manifesta inveja:

— Ela rir-se-á dele...

— É uma caprichosa...

— Escolher aquele grandalhão...

— Se pensa que nos faz ciúmes, engana-se...

Houve comentários para todos os gostos, enquanto o feliz par perdia a noção do tempo e das distâncias, falando do futuro.

★

Edyth, que anos depois se tornaria numa das mais brilhantes «estrelas» de Hollywood sob o nome de Susan Hayward, enchia por completo a vida daquele solitário que crescia cada vez mais, agigantando a sua corpulenta figura, o seu aspecto carregado, em evidente contraste com a silhueta fina e pequenina da amiga.

Além dos trabalhos escolares, Ira não tinha outra coisa a fazer durante o dia senão ajudar um pouco a mãe na leitaria. E se isto o aborrecia, servia, em compensação, para que pudesse dispor de algumas guloseimas para poder com elas presentear a sua pequena e tão admirada colega.

Um dia em que conversavam de coisas sérias, ela perguntou-lhe:

— O que farás quando fores crescido?

— Tenho pensado tantas coisas...

— Terás que decidir-te por alguma.

— Por agora ficarei na loja da mamã.

— Apesar de declamares tão bem! Deverias ser actor!

— Também pensei nisso, mas... como?



1949 — **Na película «Sword in the Desert», ao lado de Marta Toren.**



1950 — Junto de James Stewart em «A Flecha Quebrada».



1950 — Com Joseph Cotten, na película «Entre dois juramentos».

— Como? Como?... Os meios encontram-se... Eu serei uma actriz, embora seja muito mais pobre do que tu! — e perante o espanto de Ira, acrescentou: — Ainda duvidas? Pois é verdade! Serei actriz, e serei rica.

— É o que a mim me falta. Confiança. Vontade — desculpou-se ele, notando que se perturbava ao analisar o rosto da amiga: a boca carnuda... o narizito arrebitado... as pestanas reviradas...

Ela arrancou-o aos seus pensamentos ao propor-lhe:

— Queres que estudemos juntos?

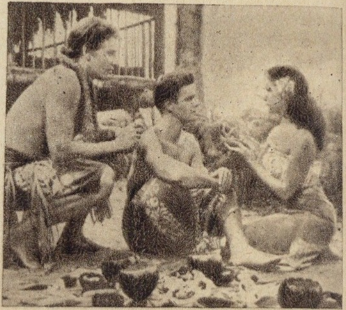
— Sem ninguém que nos ajude?

— Porque não havemos de fazê-lo? Eu corrijo-te e tu corriges-me. O saguão da minha casa servirá de cenário. Queres?

Ira quis. Sentia-se feliz compartilhando daquele entusiasmo.

O bairro habitado pela futura «estrela» estava inundado pelas pestilentas emanações de uma fábrica de gás das imediações, emanações que chegavam ao lugar onde eles costumavam reunir-se, mas que importava isso se Edyth o esperava!

Apenas aparecia no extremo da rua dela, mostrava-lhe os caramelos e corria impaciente a dar-lhos, certo de que os aceitaria com prazer e que, terrìvelmente feminina e «coquette», desembrulharia o primeiro e metê-lo-ia na boca dele... em seguida desembrulharia outro e com voluptuosidade requintada saboreá-lo-ia... Ele então olhava-a inconscientemente perturbado, dando tempo a que o mútuo silêncio os chamasse à realidade. E depressa se entregavam aos estudos, afadigados.



1951 — Debra Paget e Louis Jourdan foram os seus companheiros em «Ave do Paraíso».

— Deveríamos ver filmes. Aprende-se muito — aconselhava a futura actriz.

— Mas onde arranjaremos o dinheiro para ir ao cinema?

— Pensa uma maneira... Tu és o homem...

— Não sei! A ti que te ocorre? As mulheres têm recursos para tudo...

Nas suas corridas pelas ruas tinham visto montões de garrafas vazias entre os destroços. Edyth lembrou-se:

— Poderíamos recolhê-las e vendê-las...

— Magnífico!

Já tinham o que precisavam. Com o produto das suas vendas íam ao cinema duas vezes por semana. Entre umas coisas e outras passavam a maior parte do dia juntos. Ira convertia a amiguinha em heroína dos seus sonhos. Amava-a como nunca tinha tido ocasião de amar; seguro de ser correspondido.

Certo dia, na penumbra de uma sala de projecções, enquanto no «écran» passavam cenas sentimentais, agarrou a mão de Edyth e disse-lhe veementemente:

— Decidi ser actor. Assim nunca nos separaremos.

Aquela rapariga, quase uma mulher, experimentou o prazer de ter ganho uma batalha.

Ficaram silenciosos; de mãos dadas e o pensamento errando por um mundo totalmente desconhecido.

Estavam enamorados. De quê? De quem? Se o quisessem concretizar talvez o não soubessem. Estavam enamorados da vida, que, para eles, naquela altura, estava reduzida à mútua presença e às suas imaginárias conquistas do porvir.

★

Ira, que tinha nascido em 15 de Dezembro de 1918, em Brooklyn, East, 37th., Street, quando menos o esperava foi arrancado do seu ambiente e dos seus costumes infantis para se mudar, com a família materna, para Manhattam. Custou-lhe muito renunciar a Edyth. As dificuldades económicas eram muitas, mas fiel à promessa feita num momento de sinceridade, promessa para ele sagrada, não descansou enquanto não encontrou maneira de representar. De vez em quando tomava parte nas representações que se davam



Os cabelos brancos, que lhe apareceram prematuramente, criaram-lhe um dos seus mais fortes complexos, antes de vencer no cinema.



1951 — Ao lado de Evelyn Keyes em «Homem de Ferro».

na Universidade, a qual frequentava pagando a matrícula com o seu trabalho numa cadeia de restaurantes que seu pai capitalizava.

Terminados os estudos teve de pensar sèriamente no dia de amanhã. Dentro da sua cabeça fervilhavam mil projectos distintos, embora todos eles estivessem suplantados por um denominador comum: «Sobressair em qualquer ramo artístico». Atraía-o a arte em geral. Ora se via tomando notas para a novela que estava criando, que ainda pensa e que talvez um dia escreverá, cujo protagonista se ajustava e ajusta às suas características pessoais: alto, forte, atlético; simpático e atraente; dotado para a cena, o canto, a pintura, a literatura... que iria pelo mundo procurando tornar-se célebre; e que uma vez o tivesse conseguido, aperceber-se-ia de que, na realidade, era apenas um fracassado, pois a ventura conseguida à força de tantos sacrifícios escapava-se-lhe das mãos através de uma grande derrota sentimental... novela que nunca foi escrita pelo improvisado autor, mas que dir-se-ia lhe traçou o caminho que ele seguiu pela vida fora.

Tal como se propunha fazer mover o protagonista da farsa, assim se movimentou Ira Grossel. Sobretudo desde que passou a ser Jeff Chandler. Quem senão ele mesmo se considerou fracassado depois do rompimento de um matrimónio que o deixou sem família e sem lar?

Filho único, criado longe da vigilância paterna, apenas feitos os 18 anos, sente uma ânsia irresistível de fazer-se notar, de sobressair, e vai a uma Escola de Arte Dramática.

— Desejo matricular-me. Quero ser actor — explica.

— O curso custa quinhentos dólares.

— Não os tenho.

— Lamento, mas... Por favor, o senhor que se segue... — diz o empregado, desejoso de não perder tempo.

Ira encostou-se a um lado, pensativo.

— Que lhe sucedeu? — pergunta-lhe uma pessoa das que estavam ali.

— Nada! — responde com cara de poucos amigos.



1952 — Em «A Chama da Arábia», nesta cena com Buddy Baer.

Aquele que o interpelara arrependeu-se de o ter feito. Olhou-o fixamente e concluiu que aquele gigante devia ser um desiludido.

Não. Não o é, apesar do seu àspecto fechado, do seu cabelo crespo, das suas pupilas ardentes e desesperadas. Prova-o ele, uma vez tomada nova decisão, abandonando tranquilamente a Escola de Arte Dramática para se inscrever na de Arte Comercial.

— Tudo é arte — tranquiliza-se. — Desta escola passarei à de Declamação. Questão de tempo!

Pagou duzentos dólares e seguiu os cursos com tenacidade. Mais tarde empregou-se na mesma escola como professor auxiliar. Juntava dinheiro. Percorria Nova Iorque. Fantasiava. Visionava o futuro...

Uma noite encontrou-se com um antigo amigo, aluno agora da «Feagin School» de Arte Dramática.

— Olá, Ira! Como vais?

Abraçaram-se. Desejosos de conversarem, entraram num café.

— Dois «whiskies» — convidou o amigo, que pertencia a uma família remediada. — Onde te metes que ninguém te vê? — insistiu.

— Trabalho na Escola Comercial.

— E quanto a seres actor?

— Mais tarde. Não penses que desisti.

— Amanhã à noite temos uma representação. Vai ver-me. Depois encontrar-nos-emos e dir-me-ás o que te pareceu.

— Esplêndido. Não faltarei.

Foi pontual. O ambiente teatral atraía-o fortemente. Voltou a sentir a dolorosa angústia da falta de recursos; daquela solidão espiritual que o fazia insociável e, na aparência, orgulhoso.

O amigo compreendeu o seu estado de alma, a sua desolação.

— Porque não tentas inscrever-te?

— Falta-me o principal. Dinheiro!

— Oferece-te para fazeres qualquer coisa. És culto. Poderão empregar-te na contabilidade, na administração. Seria óptimo estarmos de novo juntos.

Como de costume, o estímulo afectivo espicaçou a vontade de vencer. Na manhã seguinte era aluno da «Feagin School».



Numa cena de «Cinzas do Passado», junto de Loretta Young.



1952 — Com Susan Cabot em «Cochise», interpretando pela segunda vez o famoso índio.



Jeff adora o lar. Gosta de passar os serões com a família, e brincar com as filhas. Por isso, o rompimento com Marjorie foi-lhe bastante penoso.

★

Deu os primeiros passos como actor profissional interpretando um pequeno papel em «Trojan Horse», peça de Christophe Morley, com um cenário de Long Island, e tanto se aplicou que ao fim de um ano lhe confiavam já papéis principais.

— Atreves-te a formar companhia? — perguntou-lhe Bill Bryan algum tempo depois. — Poderíamos montar uma os dois.

— Estou de acordo.

Estrearam em Chicago. E então conheceu Marjorie Hoshelle, actriz talentosa e mulher lindíssima.

Ao vê-la, disse a Bill:

— É estupenda! É pena que não a possamos levar na nossa Companhia!

— Agrada-te?

— Muito! — exclamou ele, que anos depois acabaria por desposá-la.

A associação Grossel-Bryan constituiu um enorme êxito, mas a participação americana na segunda Guerra Mundial atirou por terra as primeiras vitórias daquele que começava então a viver uma novela tempo atrás imaginada.

O ataque japonês a Pearl Harbour levou-os a alistarem-se, trocando a emocionante vida teatral pela guerra.

— Até à volta!

— Boa sorte, e esperemos!

O dramático parêntesis durou quatro anos, a maioria dos quais passou Ira nas inóspitas Aleutianas, ilhas-ponte entre o Oceano Pacífico e o Mar de Bering, com os seus habitantes quase todos russos e esquimós, a sua situação inacessível e um aborrecimento total.

Sempre que lhe davam licença para irem às bases costeiras, Ira não ia.

— Sei no que isso vai dar. Bebedeiras! Mulheres! Jogo! Fico melhor aqui, lendo e pensando.

— Não sejas tonto, vem! Enquanto lá estás, esqueces... — filosofavam os companheiros, querendo tentá-lo.

Impassível, via-os sair alegres, preparados, correctos, dir-se-ia, até, felizes... No regresso... era tudo tão diferente! Então experimentava a satisfação íntima de saber-se superior. Aprendia a controlar a sua vontade. Chegaria a ser alguém.

Começaram a chamar-lhe orgulhoso. Uma vez mais, tal como em criança, enganavam-se, pois era ùnicamente um ser sedento de notoriedade à espera de que com ela conseguiria encontrar algum afecto sincero. Sentia-se terrìvelmente só, desamparado, com as suas ilusões artísticas malbaratadas e arruinadas por culpa da guerra. Que faria quando a guerra acabasse? Sem nenhuma experiência prática — mobilizaram-no aos 24 anos e foi licenciado aos 28 — esforçava-se por esboçar o incerto porvir.

A primeira coisa de que necessitaria seria dinheiro.

— Sempre o mesmo: dinheiro, dinheiro, dinheiro! — exclamava, meditativo.

Impunha-se arranjar maneira de ven-



Num intervalo de filmagens de «A Casa da Praia», Jeff e Joan Crawford, sua companheira nesse filme, são surpreendidos pelo fotógrafo. E o cachorro também...

cer. Fez o balanço do seu capital: 3.000 dólares na realidade e vários milhões em visionados projectos.

A primeira coisa a fazer consistia em aproximar-se do mundo do cinema, no qual a pequena Edyth Morrener, da Escola Comunal de Brooklynn, aquela que tanto havia amado em seus sonhos de adolescente, triunfava e afirmava-se como «estrela». Agora chamava-se Susan Hayward... Também ele mudaria de nome. Jeff Chandler, que nada tinha de comum com o de Ira Grossel, além da inesgotável sede de carinho que conservava intacta junto ao decidido empenho de triunfar.

★

Antes de abandonar a milícia tinha feito alguns pedidos de trabalho para quando ficasse livre. Julgava que iria ser difícil! De qualquer maneira, o seu êxito teatral anterior à guerra servir-lhe-ia como carta de apresentação. Pensou-o acertadamente. Contudo, ainda levava uniforme quando o chamaram de Los Angeles. Seria verdade que conseguiria entrar no fabuloso mundo do cinema? Tão ràpidamente? Não conseguia acreditá-lo.

Com nervosa impaciência lia e relia a carta de chamada, receoso de se enganar. Sim. Sim. Era certo. Chamavam-no. E, nada menos que para se encarregar — se as provas fossem favoráveis —



Em «Preciso do teu amor», Chandler e Jane Russel proporcionaram-nos românticas cenas de amor.



do papel principal na película «Dishonored Lady», tendo como «vedeta» feminina Heddy Lamarr.

Começou a preparar a sua viagem. Impossível chegar ràpidamente a Los Angeles! As distâncias eram consideráveis. Difíceis e caros os meios de locomoção. Depois de pesar os prós e os contras decidiu servir-se do meio mais prático: pedir «boleias».

A ideia divertia-o. Estava exercitado para as marchas. Muito pouca sorte haveria de ter se não encontrasse alguma pessoa amável que o levasse! Sorria, pensando até numa possível aventura... Não era antipático, tinha boa figura...

Os carros deslizavam a velocidades vertiginosas pelas estradas bem asfaltadas. Ira andava quilómetros graças às suas grandes pernas e ao seu passo certo e ritmado. Mas de qualquer modo o cansaço começava a preocupá-lo. Ninguém atendia os seus pedidos de «socorro».

— «Passam a tanta velocidade que não podem compreender o que lhes peço» — reflectia, um pouco inquieto.

Optou por parar. Disposto a conseguir que o levassem, arriscou-se a invadir a faixa dos carros. O condutor de um potente carro apiedou-se do jovem e impaciente peão. Mas, no preciso momento em que se dispunha a subir, outro automóvel apanhou-os de frente, ocasionando uma verdadeira catástrofe.

De entre os mortos e feridos graves tiraram Jeff. Os seus sonhos de glória acabavam de se esfumar em alguns instantes.

Levado para o hospital mais próximo, passou muitas horas sem sentidos, lutando entre a vida e a morte. Em pleno delírio dizia:

— Vou para Los Angeles... O cinema. Sim. O cinema... Por favor levem-me! Não se detenham!... Estão à minha espera!... Heddy Lamarr... Los Angeles... As Aleutianas... Sou actor... Chamo-me Jeff... Também Ira... Depressa! Depressa! Esperam-me! Um filme... Heddy Lamarr... O carro... O carro...

Voltando a si, perguntou:

— Onde estou? Que é isto?

Quando soube o que tinha acontecido compreendeu que tinha voltado a fracassar. Teriam que passar alguns meses até que pudesse pensar em outra coisa que não fosse curar-se. Com a cabeça ligada e o corpo magoado, pensava num novo modo de arranjar trabalho. Pensou ir

JEFF CHANDLER sorridente...

Jeff Chandler, embora seja ainda hoje, com mais ou menos frequência, uma pessoa taciturna, já não é o rapazinho tímido e cheio de complexos, arraigado a uma tristeza que só a sua férrea vontade de vencer na vida conseguiu dissipar. O popular artista revela até, de quando em quando, nos estúdios ou na vida privada, uma boa disposição contagiosa, e não é difícil também ouvir dos seus lábios um dito chistoso que os amigos sublinham gostosamente com sorrisos ou gargalhadas. Durante as filmagens de uma das suas últimas películas, «Toy Tiger», em que participam Laraine Day e o pequeno Tim Hovey, o fotógrafo póde registar as duas imagens que vemos nesta e na página do lado. Quando se predispõe para a brincadeira, o Jeff é assim. E quando a ironia aflora aos seus lábios... aí vão dois exemplos:

Um novo rico pretensioso disse a Jeff Chandler:

— Saiba você que eu formei-me à minha custa.

Ao que o grande actor respondeu:

— Oh, meu caro amigo! Que grande responsabilidade pesa sobre os seus ombros.

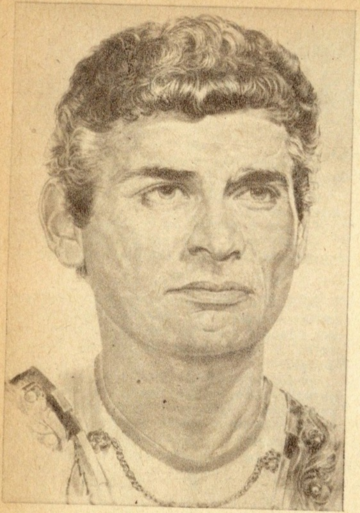
★

Jeff Chandler encontrou-se com um antigo camarada do exército. Conversaram um pouco e o amigo contou-lhe que tinha noiva e ia casar-se dentro de poucos meses.

— É uma rapariga encantadora — disse, entusiasmado. — Sabe nadar, dançar, guia automóvel, também sabe pilotar um avião... Seremos muito felizes!

— Acredito — concordou Jeff — tanto mais que tu no quartel aprendeste a cozinhar...





O centurião romano de «O Sinal do Pagão», **num desenho de Sam Patrick, famoso ilustrador de Hollywood.**

directamente a Hollywood. Dos três mil dólares juntos durante o tempo de guerra destinou mil a vestir-se. Sabia que uma primeira impressão agradável predispõe à simpatia. Estava decidido a introduzir-se no cinema ou na rádio. Comprou alguns fatos. Gravatas, camisas, sapatos, etc.... Os dois mil dólares restantes serviriam para se manter num ritmo de vida decente até conseguir aquilo por que há tanto tempo e tão duramente vinha lutando.

Vestindo um fato recém-chegado da loja, contemplou-se ao espelho. Estava bem! Elegante, atraente. A sua atlética e bem proporcionada figura destacava-se das outras. Havia de se fazer notar!

A única coisa que lhe desagradava era uma cicatriz, no lado esquerdo — ainda violácea, por ser recente — que conservava em recordação do acidente que tinha tido.

Seguiu-a cuidadosamente com os dedos, dizendo para si:

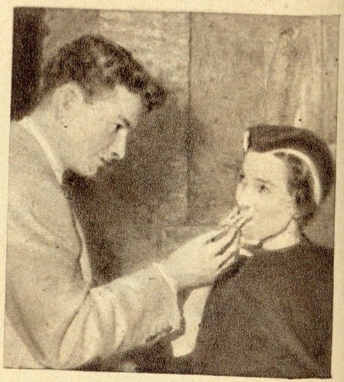
«Podia ter-me custado a vida este acidente... e... esta cicatriz pode estragar-me a carreira...» — Voltou a contemplar-se, dizendo com filosófica resignação: — «Bah! O mundo é grande e todos temos um lugar nele. Há é que saber encontrá-lo».

À força de contrariedades aprendia a dominar a impaciência.

Estava, finalmente, em Hollywood! A meta tão ansiada. Ao fim de seis meses conseguiu ser admitido na rádio. Enquanto esperava, viu Susan... Viu também Marjorie...

Susan fez-lhe saber que se tinha casado com o actor de cinema Jess Baker; que os produtores a notavam; que lhe pagavam como a uma primeira figura; que...

— Alcançáste o que ambicionavas. Tiveste sorte, Edyth!



Quando interpretou «Deported», com Marta Toren, o seu nome tinha já começado a notabilizar-se. Marta e Jeff, que tiveram de permanecer em Itália durante bastante tempo, para a rodagem de exteriores, cultivavam a melhor amizade.

Ao ouvir o seu nome de criança pareceu surpreender-se. Ira notou-o, mas, impelido pela emoção do encontro, apressou-se a suplicar:

— Deixa-me chamar-te Edyth! Como dantes! Lembras-te? Descobriste a minha vocação.

— Como isso vai distante — concordou, distraída.

— Mudaste muito! És feliz?

— Completamente! Tenho um marido que adoro, e que me adora. Sou actriz. Estou a impor-me netre as mais dotadas. Ganho dinheiro... Que mais poderia desejar...

— A mim não me correram tão bem as coisas. Olha...

Mostrando-lhe a cicatriz, que Susan não notara, contou-lhe o ocorrido não sem uma ponta de melancolia.

— Deves reagir! Sacudir a timidez!

— Também tu me julgas tímido? Pois não o sou, Edyth. Não o sou. Sou um homem cheio de ambições. Quero triunfar. Estava-o conseguindo quando rebentou a guerra. Ia-o conseguir de novo quando sofri o acidente... Há qualquer coisa no meu destino que me faz quase alcançar a felicidade para depois ma negar violentamente quando começo a usufruí-la!

Susan animou-o.

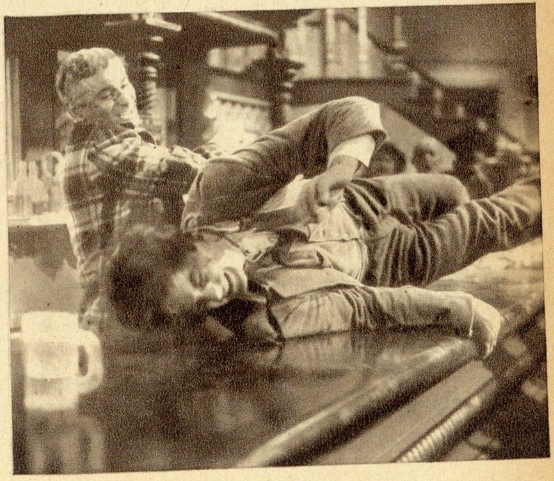
— Devias apaixonar-te. Necessitas ter um lar. Não o desejas?

— Jamais soube o que isso era. Imagina como o desejo!

— Dispõe-te a isso, e tê-lo-ás — disse a pequena lutadora. — A vida é um problema de vontade.

Jeff, ouvindo-a falar, evocava aquela companheira de colégio, pequenina, nervosa, com o cabelo revolto, as roupas pobres e os sapatos cambados, convertida, como nos contos de fadas, em esplendorosa e admirada mulher.

Também viu Marjorie... Do teatro passara ao cinema, senão tão vertiginosamente como Susan, pelo menos com bases firmes e sólida reputação. Que bonita era Marjorie! Achou-a ainda mais bonita que antes; mais mulher; mais atractiva. Os quatro anos de guerra, suportados estoicamente nas ilhas longínquas e inóspitas, com os desejos refreados e as recordações em melancólico turbilhão, haviam destroçado o coração ingénuo daquele gigante de metro e noventa e três de altura, to-



Chandler violentamente justiceiro em «The Spoilers».

Como destemido oficial do Exército dos Estados Unidos, Chandler oferece o tipo duro, combativo e atlético que o cinema requer. Já criou várias vezes esse personagem, que tão convincentemente sabe viver.



talmente inexp iente em questões amorosas. Quando soube que Marjorie e va solteira esforçou-se mais e mais por prosperar. Saía com s. Tornou-a sua confidente.

— Dick Po », que actua em um dos melhores espectáculos de rádio, parou em mim e deu-me um pequeno papel na sua pelícu Johnny O'Clock» — contou-lhe, alvoroçado.

— Felicito- Jeff, porque quando conseguires fazer medianamente um r de interpretações, estarás garantido. O cinema só reque que alguém se fixe em nós.

Não encon , contudo, tantas facilidades como Marjorie lhe augurara.

A inoportu cicatriz podia mais que os seus entusiasmos e as suas prom doras condições físicas. Quando os seleccionadores repara nela, sem se lhe referirem abertamente, limitavam logo as ofertas a um modesto papel secundário.

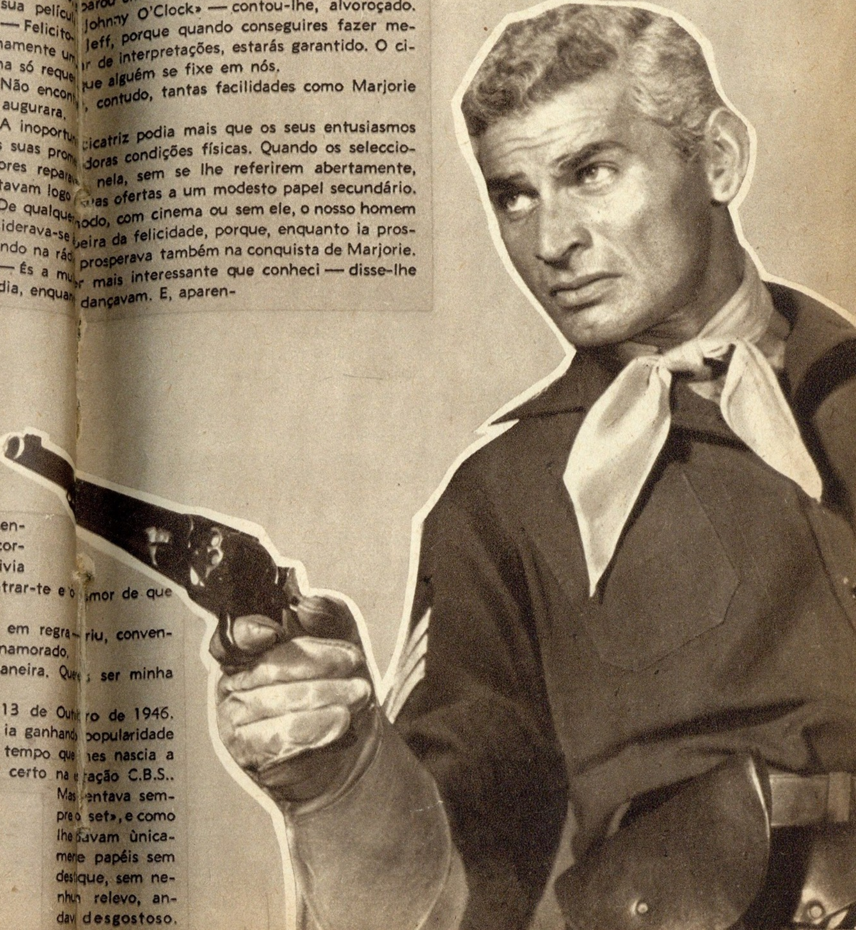
De qualque modo, com cinema ou sem ele, o nosso homem considerava-se beira da felicidade, porque, enquanto ia prosperando na rád prosperava também na conquista de Marjorie.

— És a mu r mais interessante que conheci — disse-lhe um dia, enquan dançavam. E, aparentemente sem continuidade, acrescentou: — Durante a guerra a tua recordação dava-me vontade de viver; vivia com a esperança de voltar a encontrar-te e o smor de que te tivesses casado.

— Isso, Jeff, é uma declaração em regra — riu, convencida de que o tinha perdidamente enamorado.

— Não sei dizê-lo de outra maneira. Que s ser minha esposa?

Casaram-se em Los Angeles a 13 de Out ro de 1946. Marjorie continuava no cinema. Jeff ia ganhando popularidade através da rádio. Quase ao mesmo tempo que nes nascia a primeira filha, obteve um emprego certo na tação C.B.S.. Mas entava sempre o set», e como lhe avam ùnicamente papéis sem destque, sem nenhum relevo, andav desgostoso.





Em «Epopeia do Pacífico», Jeff teve uma das suas mais emocionantes criações. Eis uma cena do filme, em que vemos também George Nader.



Em «Homem de Ferro», Jeff vivia a figura de um «boxeur». Teve, por isso, de conviver com nomes famosos do ringue, como Joe Di Maggio (ex-marido de Marilyn Monroe) e Walcott, que vemos nesta foto.

dele em «Mr. Belvedere, estudante»? Em «The invisible wall»? Em «Abandoned»? Ninguém, ou quase ninguém. Teve que esperar ainda um bom par de anos até que lhe aparecesse a «sua oportunidade».

★

Aos inconvenientes criados pela inoportuna cicatriz, vieram juntar-se as cãs prematuras que semeavam a ondulada cabeleira do gigantesco candidato a galã das telas cinematográficas.

Cansado de receber negativas e já com trinta anos de idade, soube que a «Universal» andava procurando alguém capaz de encarnar «Kurta», figura central de «A espada do deserto». Tantos haviam sido já chamados, sem que nenhum tivesse o tipo requerido, que a firma produtora decidiu lançar uma convocação amplíssima que abrangia não só os actores consagrados, mas todos os que tivessem uma ideia do «ofício», os da figuração e até os simples amadores.

Há tempos já que a cicatriz e as prematuras cãs lhe vinham criando um aborrecido complexo de inferioridade. Sabia que o impediam de prosperar, e que acabaria por se deixar vencer. Mas foi, a instâncias de um amigo.

— Nada perdes em ir — animava-o, depois de o ter ouvido na rádio. — Tens boa dicção, boa figura, sabes representar...

— Estou capaz de ir, porque está a ser-lhes difícil encontrar o tipo desse Kurta...

— Óptimo... Quem sabe!

Quando estava diante dos seleccionadores, obcecado pela cicatriz, pôde verificar que eles a olhavam insistentemente.

— «O mesmo de sempre» — pensou, com ganas de se ir embora, arrependido por se ter deixado convencer. Mas qual não foi o seu espanto ao ver que se chegavam a ele, o examinavam interessadíssimos e comentavam entre si:

— Aqui está o nosso homem... O mesmíssimo Kurta ressuscitado... E com uma cicatriz, precisamente onde a marca o guião.

— Será autêntica?

O chefe do estúdio averiguou sem titubear:

— É uma caprichosa tatuagem de guerra?

Atónito por tão absurda suposição, contou-lhes a origem de tal cicatriz e o muito que ela o vinha prejudicando na sua carreira artística.

— Não se preocupe mais. Graças a ela terá ocasião de interpretar um grande papel. Temo-nos visto doidos à procura do homem que pudesse desempenhar a figura de Kurta... Imagine, pois, o nosso contentamento ao encontrar em você, que corresponde fisicamente ao tipo adequado, uma cicatriz verdadeira na face esquerda. Exactamente o que pede o autor! — repetiam, assombrados.

Estavam tão contentes que Jeff se sentiu contagiado pela alegria deles. Marcaram-lhe as provas para uns dias depois. Deixou-os entusiasmados. Assinaram o contrato.

— Meu amor. Olha o que trago aqui! — gritou, entusiasmado, ao entrar em casa.

Marjorie beijou-o, enternecida. Sabia, por experiência própria, o que significava afirmar-se em Hollywood. Com uma boa película assegurada, Jeff já não tinha nada a temer.

Deixou a rádio, onde fazia a primeira figura do programa «Our Miss Brooks», em cujo papel de galã tinha conquistado muitas admiradoras.

A meio das filmagens, os magnates da «Universal» ofereceram-lhe outro contrato de longa duração.

— Foi uma descoberta...

— Será um êxito...

— Depressa o veremos convertido em ídolo das mulheres...

Comentavam, entre si, satisfeitos da aquisição.

Jeff entregava-se ao seu trabalho com uma veemência até então desconhecida. Não tinha tempo para o mais pequeno descanso. Não o tinha nem o desejava. A seguir à «Espada do Deserto», que filmou com Marta Toren, interpretou «Deported», com a mesma actriz, para o qual tiveram de se deslocar à Itália.

O público começava a admirá-lo, as mulheres a notarem-no. Mas, quando a caprichosa sorte lhe deu a consagração definitiva foi ao encarregar-se da figura de «Cochise», o chefe índio do filme «A Flecha Quebrada», com Debra Paget, para a «Fox».

Muito tiveram que conferenciar ambas as firmas produtoras até chegarem a um acordo. Jeff conhecia o guião há anos. Tinha imenso interesse em interpretar este personagem, e excedeu-se quando fez a prova. O resto foi fácil. Sabia que o disputariam, que a ninguém, a não ser ele, dariam o papel. Esperou tranquilo. Feitas as transacções habituais, começou a película, que havia de elevá-lo ao nível dos «ídolos».

«Flecha Quebrada», ou melhor, o seu intérprete, veio a ocupar, segundo se assegura, na ordem das preferências femininas, o lugar que deixara vazio Rodolfo Valentino... Exagerado ou não, o certo é que com a sua enorme estatura, as pernas coroando-a e o seu rosto expressivo, apaixonou muitas mulheres. Propuseram-no para o prémio da Academia (que só perdeu por três votos) e ainda hoje o conhecem — faça o papel que faça — por Cochise.

Claro que nos nossos tempos ninguém adoece ou morre de amor por um «astro» ou uma «estrela», mas uma revelação num papel bem interpretado deixa sempre vincada uma impressão. O próprio actor o confirma, afirmando que ele é Cochise, e que assim deveria chamar-se no futuro.

A partir de então, conseguiu realmente impor-se no mundo cinematográfico, fazendo-lhe as casas produtoras ofertas fa-



Novamente o indomável lutador em «Pilares do Céu».

bulosas, enquanto que a «Universal» lhe reservava os melhores papéis. Contudo, Jeff era infeliz. A sua vida íntima destroçava-se. O lar não lhe proporcionava as alegrias imaginadas. Havia-lhes nascido uma outra filha. Marjorie, por culpa da maternidade, ou por um fenómeno inexplicável, se bem que corrente na caprichosa Hollywood, perdia terreno. Não tinha contratos. Mostrava-se nervosa. Aborrecia-se com o marido, a quem ao princípio se preocupava por introduzir e ajudar artisticamente. A sua experiência foi para ele muito útil. Mas Jeff, se bem que reconhecendo-o, não podia remediar a situação. Limitava-se, pois, a aconselhá-la:

— Estás muito melhor em casa, cuidando das meninas e de mim, que tanto preciso de ti...

— De ti? — repetia, irónica — Tu não necessitas de nada a não ser de uma boa cama onde durmas a sono solto...

— Compreendes!... Ando sempre tão cansado de trabalhar tanto...

— Não há dúvida, fiz um belo casamento. Em casa dormes... Se vais visitar alguém, dormes... Se vamos a uma «boîte» dormes ao som de qualquer melodia. Mas que espécie de marido és tu?

E quanto ao sono, ela tinha razão. Jeff procurava vencê-lo. Prometia corrigir-se, mas, quando saía do estúdio, não sentia senão desejos de dormir.

Marjorie procurou Tony Curtis, o melhor amigo de Jeff, para averiguar se havia qualquer outra mulher na vida do marido.

— Está tranquila — assegurou-lhe. — Não pensa em nada mais a não ser nos filmes que interpreta. Trabalha em excesso. Quando vem cá a casa, apenas nos cumprimentamos, enterra-se em qualquer cadeira e já não contes com ele. Deves desculpá-lo.

— Não posso. Estragou a minha carreira e agora está a estragar-me a vida.



Militar

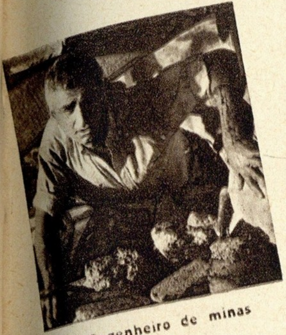


«Cow-boy»

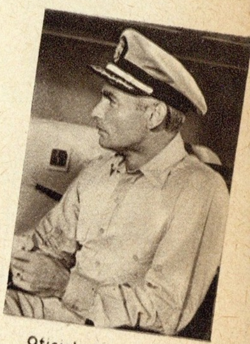


Pele-vermelha

JEFF 5 VEZES DIFERENTE



Engenheiro de minas



Oficial da armada

— Tem paciência. Ama-te. Trabalha como um danado; tudo para ti e para as vossas filhas.

— Não creias que seja só por nós. Não quer que ninguém lhe passe à frente. É orgulhoso, presumido, insociável. Julga-se um ser superior.

— De certo modo é-o. Ninguém como ele para se encarregar dos papéis mais difíceis — afirmou Curtis, que o admirava sinceramente.

— Pois eu preferia-o como antigamente. Com o seu quê de timidez e tanto de ingenuidade...

— As mulheres, até para os maridos, são mais mães que esposas. Gostam de os proteger.

— O pior é que o meu nem me pro-

Mulheres que ele abraçou na tela...



1) Ludmilla Tcherina; 2) Rhonda Fleming; 3) Joan Crawford; 4) Dorothy Malone; 5) Laraine Day; 6) Susan Ball; 7) Loretta Young; 8) Jane Russel.















tege, nem admite protecção — concluiu Marjorie, irritada.

★

Tanto se repetiam as películas de deserto ou as que tinham vestes e indumentárias fora das habituais, que o próprio actor estranhava se alguma vez tinha de usar qualquer fato de bom corte. Passaram dois, três anos de actividade febril, durante os quais interpretou «Ave do Paraso», «Smuggler's Island», «The Iron Man», «A Chama da Arábia», «The Battle at Apach Pass», «Red Ball Express», «Yankee Buceaner», «Entre dois amores», «Sious Aprisihg», «East of Sumatra», «Brandy's Bunch»... e verificou, uma vez mais, que o destino cumpria aquela espécie de maldição indefinível que o fazia alcançar a felicidade para depois lha negar quando ele começava a usufruí-la.

As questões com Marjorie aumentavam. Acabou por calar-se como quando em criança se sentia incompreendido. Demasiado ocupado pelo trabalho nos estúdios, ao chegar a casa já nem se esforçava por dissimular; dormia! Às vezes, a esposa, num arrebatamento incontrolável, acordava-o interrogando-o maldosamente:

— Queres explicar-me o teu comportamento?

— Decidi ser actor quando tinha poucos anos, porque me disseram que assim ganharia muito dinheiro. Não é assim,

bem sei, mas hei-de insistir até ganhá-lo. Devias agradecer-me. Não me sacrifico ùnicamente por mim; também o faço por ti e pelas nossas filhas — respondia, de mau humor.

— Modera a tua ambição e viveremos mas felizes.

— Não posso perder tempo. Comecei tarde. Contraí a responsabilidade de constituir família. Quero ter bastante dinheiro para retirar-me e descansar quando tiver quarenta anos... Tem paciência! Falta muito pouco...

Marjorie não a teve, e apresentou o seu pedido de divórcio, alegando que seu marido, «apesar de ser um homem forte, sofria de fadiga crónica; ficava a dormir onde quer que estivesse por causa de andar completamente absorvido pela sua carreira; não a compreendia e atendia como mulher...»

Jeff aceitou a acusação. Interrogado pelo juiz, confessou, desejoso de terminar quanto antes:

— Estimo-a muito e verdadeiramente, mas está a ser-me impossível viver com Marjorie, porque me aborrece, criando conflitos a todas as horas.

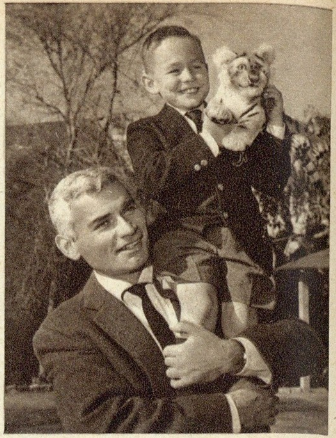
★

De novo voltou a encontrar Susan Hayward, a Edyth de outros tempos. Ambos vítimas de seus destinos, de certo modo paralelos, acabavam de sofrer a quebra dos seus respectivos lares.

— Desde logo senti a separação — confessava-lhe ele numa consoladora intimidade — e que homem seria eu se não a sentisse? Custa-me muito por causa das crianças e dos belos momentos que passei em companhia de Marjorie!

— Nós os dois, digam o que disserem os nossos «slogans» publicitários, fomos feitos para a vida do lar. Por que preço vamos pagando o triunfo! — lamentava-se ela.

Saíram juntos muitas vezes, até o ponto



Com o pequeno Tim Hovey na comédia «Toy Tiger».

de fazerem crer um possível idílio que unisse o misérrimo e longínquo passado com este presente brilhante e esplendoroso que era o deles.

Procuravam-se, olhos nos olhos, necessitados ambos de trocar confidências, enquanto dançavam em clubes nocturnos. Servia-lhes de lenitivo e anestesia. Chegaram a ter necessidade um do outro. A vida, para ambos, começava a ter um sentido fraternal, mesclado de uma amorosa e evocadora proximidade.

Contudo, de vez em quando Jeff experimentava certo desassossego. Então ia a sua casa de Apple Valey (Califórnia), situada a uns duzentos quilómetros de Hollywood.

— Todos os homens precisam de um lugar onde possam acolher-se, refugiar-se — explicava a Tony Curtis, sempre que este o interrogava, surpreendido com tais desaparições. E acrescentava, querendo justificar-se sem tocar no seu problema sentimental: — Aquele lugar encanta-me. Descobri-o enquanto filmava «A espada no deserto», e não andei satisfeito enquanto não comprei a casa. Ali bronzeio a minha pele, preparo as minhas refeições, cuido do jardim, nado na piscina...

— Mas estás demasiado só. Não te convém, porque assim alimentas a tua tendência natural para o isolamento.

— De vez em quando vão lá as minhas filhas. Espero tê-las comigo no Natal.

— Não te bastam.

— Também sei divertir-me quando preciso.

— E a respeito de mulheres. Que se passa?

— Muitas ao redor, e nenhuma no coração — confessou, melancólico.

— Nem Susan? Têm-me assegurado que isso acabará em casamento. Ou foges dela?

— Nada disso. Passamos as horas falando no «passado». Até agora ainda não tivemos tempo para pensar no futuro.

— Qual é o teu ideal feminino?

— A mulher sonhada por mim deveria reunir as qualidades que faltam a Marjorie.

— Ainda sofres?

— Ainda!

Tony desviou a conversa.

— Sabes que Glória pensa abrir um clube em Las Vegas? Lembras-te dela?

— Glória de Haven? Aquela que me apresentaste há alguns anos, quando filmavas com ela «So this is Paris» Aquela que se divorciou de John Payne?

— Essa mesma. Precisamente agora está tratando do seu segundo divórcio. Agradava-te?

— Não digo que não. Quem é ela? Parece que atrás dum caso de divórcio só está à espera de um substituto.

— Nem sempre. O teu próprio caso o confirma. Glória apenas procura a sua liberdade. Tanto John, como Marty, o segundo marido dela, tentavam retê-la no lar. Glória gosta de brilhar, vencer pela



Jeff e Marjorie, cujas desavenças conjugais os levaram a desejar o divórcio, acabarão por se reconciliar? Esta foto ainda é dos tempos felizes.

sua própria personalidade, exibir-se. É por isso que se divorcia.

— Outra que não renuncia aos aplausos. Serviu-me bem a lição!

A despeito deste comentário, Jeff foi de Hollywood a Las Vegas para juntar os seus aplausos àqueles que soaram na noite da inauguração do «Rancho Vegas», pela actuação da sua proprietária, pois Glória cantava no seu próprio clube.

Ela impressionou-o muito mais do que quando Curtis lha apresentara. Recordaram esses momentos. Comentaram alguns filmes em que ambos tinham representado papéis principais, se bem que separadamente, com o interesse de serem simpáticos. Beberam champanhe.

A partir daquela noite não têm deixado de se ver. Ambos adoram a música. Jeff, segundo afirma, o que mais gosta agora é de cantar. Gravou muitos discos para a «Decca», embora passe horas a filmar. Ninguém pode explicar como o tempo lhe chega para tanto.

— Levo uma vida muito ordenada — diz complacentemente. — Contudo, espero vir ainda a fazer muito mais.

Apesar do duro trabalho que suporta nos estúdios, onde continuamente está em filmagens, de vez em quando ainda aceita actuar em clubes nocturnos e assegura que, quando estiver livre de contratos, filmará as próprias películas, escreverá a novela que imaginou quando adolescente, e cantará, cantará muito, porque cantar inspiradas melodias é para ele a melhor maneira de expressar os seus sentimentos.

Cantará para Susan? Cantará para Glória?

Se algum jornalista indiscreto o assedia com perguntas a este respeito, responde, evasivo:

— O que mais desejo é dispor de tranquilidade para resolver todas as minhas coisas. Sou um homem simples, vivo sem complicações e encaro os problemas, quando eles se me deparam, bem de frente.

Ninguém, pois, até ao momento presente, pôde saber mais.

E, apesar de tudo, ùltimamente parece que Jeff e Marjorie estiveram dispostos a fazerem as pazes. De qualquer maneira, a sentença definitiva do divórcio ainda não foi pronunciada, e tudo se pode esperar...

NÃO DEIXE FICAR INCOMPLETA A SUA COLECÇÃO DE «*ÁLBUM DOS ARTISTAS*»

Pode solicitar à nossa Administração, enviando a respectiva importância em selos de correio, qualquer dos números já publicados:

N.º 1 — GINA LOLLOBRIGIDA
N.º 2 — AVA GARDNER
N.º 3 — MARLON BRANDO
N.º 4 — YUL BRYNNER
N.º 5 — MARINA VLADY
N.º 6 — JEFF CHANDLER

As mais completas biografias dos seus ídolos de cinema

CADA EXEMPLAR: ESC. 2$00

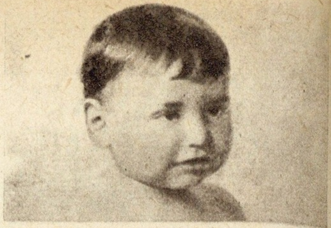




A vida de JEFF



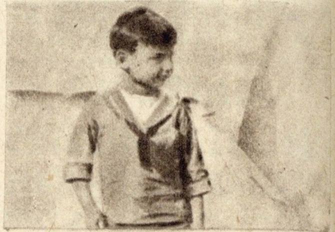
O bebé Ira Grossel (mais tarde Jeff Chandler) ao colo de sua mãe, Anna Grossel. Nasceu em 15 de Dezembro de 1918, em Brooklyn, Nova Iorque.



O pequenito Ira Grossel, apenas com um ano de idade. Nessa altura, os pais (Philip e Anna Grossel) viviam em Flatbush, Brooklyn.



Na época das férias, a família Grossel costumava ir passar algum tempo num modesto hotel de Catskills, como muitos dos seus vizinhos.



Também em Catskills, alguém tirou esta fotografia ao futuro Jeff Chandler, junto de uma barraca de campismo. Jeff tinha, nesta altura, cinco anos.



Com oito anos, vestido «à homenzinho», Jeff forneceu este curioso instantâneo, obtido em Brooklyn. Neste dia, o pequeno fez a sua primeira experiência de equitação.



1931. O grupo dos alunos finalistas da Escola Pública de Brooklyn. Os círculos brancos assinalam Jeff Chandler, então com 12 anos, e Edyth Marrener, que seria a futura Susan Hayward.



O cartão de futebolista de Jeff, em 1935. Por esta altura, o jovem dava entrada na vida prática, e conheceu diversas profissões.



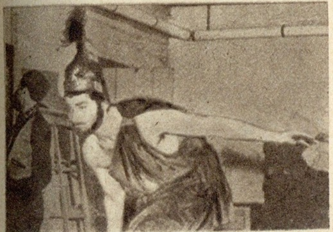
Os projectos que Jeff acalentava no colégio falharam, e, aos 17 anos, dedicava-se a actividades bastante diferentes, como a de empregado de restaurante.



Jeff começou a pensar a sério em tornar-se actor, e, tendo juntado algum dinheiro, conseguiu inscrever-se num curso de arte dramática. Aqui, vêmo-lo junto de uma colega desse curso,, Marha Kulay.



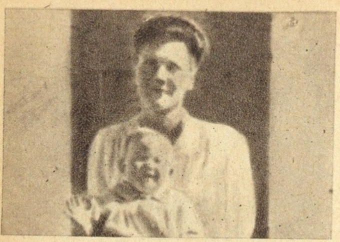
Aos 21 anos, obteve o diploma da Feagin School of Drama, de Nova Iorque. Prestou provas finais interpretando a figura de um oficial da Marinha, numa peça em um acto.



Depois, fez a sua estreia no teatro profissional, representando a peça «The Trojan Horse», no Millpond Playhouse, de Nova Iorque. No elenco figurava também Gordon Mac Rae.



Quando foi desmobilizado, conheceu Marjorie Hoshelle, actriz em ascendência. Desenvolveu-se um romance, e vieram a casar-se em 13 de Outubro de 1946.



Após o casamento, Jeff e Marjorie passaram a actuar juntos na rádio, como intérpretes de peças. Marjorie retirou-se para dar à luz a sua primeira filha, Jamie, nascida a 16 de Maio de 1947.



Entretanto, o nome de Jeff Chandler popularizava-se através dos microfones, e passou a ser um dos nomes grandes da estação CBS. Ei-lo a actuar com Eve Arden.



A segunda filha nasceu em 1949, no dia 29 de Outubro, precisamente no ano mais venturoso do actor. Foi dado à pequenita o nome de Dana.



Nesse mesmo ano, um representante da «Universal», bem impressionado com a voz de Jeff, proporcionou-lhe um contrato para filmar «Sword in the Desert», ao lado de Philip Friend e Marta Toren.



Jeff progredia na carreira artística, o que implicava melhores condições económicas. Comprou uma casa, e, com sua mulher, entregou-se à tarefa de a decorar.



Jeff sempre gostou de estar em casa: brincar com as filhas ou ajudá-las a comer, e passar agradáveis serões com Marjorie, a ouvir discos ou a jogar.



Uma vez por outra, íam divertir-se a um «night-club». Os seus companheiros preferidos eram o actor-cantor Gordon Mac Rae e a mulher deste.



A carreira cinematográfica de Jeff Chandler progredia, e tornou-se um ídolo das plateias. Na figura do índio «Cochise» obteve o seu mais decisivo triunfo.



Devido à sua intensa actividade, Jeff viveu, durante algum tempo, num apartamento da «Universal», e tornou-se bastante amigo de um incorrigível solteirão, Howard Duff.



Não lhe agradavam, porém, as simples visitas que fazia à mulher e às filhas. Jeff adorava a sua casa, e era-lhe penoso estar muito tempo separado dela.



Já um actor famoso e endinheirado, Jeff Chandler deslocou-se à terra onde vivia o pai, e ambos sentiram indizível prazer ao encontrarem-se de novo. Sua mãe tinha contraído segundo matrimónio.



Tempos depois, crescentes dissidências conjugais levaram também Marjorie a pedir o divórcio. Jeff mostrou-se inconsolável. Mas admite-se a reconciliação...

No número

7

Álbum
dos
Artistas
APRESENTA



MARILYN MONROE

A RAPARIGA INTELIGENTE QUE
FEZ CAPITULAR HOLLYWOOD

★

O ROMANCE DE UMA VIDA ATRIBULADA
QUE SEMPRE LUTOU MUITO PARA VENCER!

N. 6

PREÇO 2$00

